Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: Movimento
Data: 06.02.78
Class.: 02
Pg.:

Demarcando a própria terra

No Araguaia matogrossense, os índios Tapirapé demarcaram, por conta própria, os limites de suas terras, ameaçadas pela invasão de grandes fazendas

Antônio Carlos Moura

1 – Desta vez nós tamos fazendo bastante farinha pra não faltar pra nós lá na picada, e também pra deixar pra mulherada e nossos filhos.

Ãwãetekãto'i, 27 anos, casado, três crianças, é filho do chefe da Aldeia Tapirapé, Txãkuiãpani, e seu substituto efetivo nos assuntos referentes a terra e trabalho. Enquanto fala, não pára de remexer, com uma espécie de enxada de pau, a massa de mandioca que está torrando num dos três fornos da casa-de-farinha. Outros dois jovens índios, também pais de família, trabalham nos outros fornos. O vapor que se desprende damassaque vai secando nos fornos abertos, mais a fumaça da lenha meio úmida, que está queimando embaixo, tomam conta do pequeno rancho de palha . Mas os Tapirape, acostumados a esse trabalho, não parecem se incomodar e, mesmo com os olhos vermelhos,prosseguem, entre brincadeiras e risos, a preparar a base da alimentação que vão consumir nas três semanas seguintes, quando, no interior da mata, estarão concluíndo a picada demarcatória de suas terras.

Situada no município de Luciara, no extremo nordeste do Mato Grosso, próximo à divisa com o Pará e em frente à Ilha do Bananal (Goiás), a área dos Tapirapé está incluída no Parque Indígena do Araguaia, um dos quatro existentes no País. Mas nunca tinha sido demarcada oficialmente, apesar de muitas promessas da Funai, que sempre justificava seu não cumprimento alegando escassez de verbas. E, assim, 150 Tapirapé e 80 Karajá vinham permanecendo na insegurança, pois a área habitada pelas duas tribos, no Posto Indígena Tapirapé, está invadida parcialmente por três grandes fazendas: Tapiraguaia, do grupo Medeiros – Carneiro, de São Paulo; Porto Velho, dos Fertilizantes IAP; e Codeara, do BCN – Banco de Crédito Nacional (ver *Movimento* nºs 14 e 66).

– Tem bastante caça lá na outra parte da picada, que nós terminamos de demarcar em dezembro. A gente só precisou mesmo levar a farinha, porque tinha muito queixada, caitetu, jabuti, anta, veado, macaco...

Num outro cômodo do rancho, de meias paredes de adobe, Txywãeri enxuga o suor com as costas da mão. Ele está ralando mandioca mansa num pequeno engenho tocado a motor de gasolina. Sua mulher e uma cunhada já descascaram as mandiocas e ele, após comprimí-las contra a roda de dentes que gira velozmente, vai enchendo várias vezes uma imensa carapaça de tartaruga com a massa amarela e cheirosa, que despeja na ponta de uma canoa velha, que fica sempre ali na casa-de-farinha, só pra isso mesmo. Alí, a mandioca mansa ralada será misturada, na proporção de dois por um, à massa de *puba*, isto é, de mandioca brava que ficou vários dias dentro d'água e está semidesmanchada. As duas massas são machucadas, na própria canoa, com uma mão-de-pilão, para misturar bem, e depois vão para a *prensa* – um depósito feito com paus cruzados, na forma de quadrado, e forrado com palhas de palmeira. No dia seguinte, a massa estará pronta para ser peneirada e, finalmente, torrada.

O serviço de peneirar a massa nas *irupemas* – trançadas pelos próprios artesãos Tapirapé – é feito pelas mulheres. A esposa de Ãwãetekãto'i está peneirando a massa que passou a noite anterior na prensa. A seu lado, também ajoelhadas no chão, outras duas mulheres: uma Tapirapé e uma Irmãzinha de Jesus – uma das quatro missionárias que partilham a vida e o trabalho da aldeia, há mais de 25 anos.

Tarywanha, irmã de Txywãeri, chega com espigas de milho assadas na brasa. Suas duas filhas, de três e dois anos, vêm atrás, mastigando gulosamente suas espigas. Repartido o milho, todos prosseguem o trabalho. E Txywãeri explica:

– Quando a gente terminar de marcar toda a picada, eu e o Ãwãetekãto'i nós vamos outra vez lá em Brasília, falar com o Presidente da Funai, contar o serviço que a gente fez. Aí ele dá um documento certo de nossa terra, pra não deixar mais fazendeiro invadir. Primeiro a gente vai fazer um pouco de enfeite pra vender, para poder pagar a passagem, ao menos pra ir...

2 A noite é sem lua. E, mesmo assim,são muitos os homens sentados no terreiro central da aldeia, em frente à *takana*, a casa onde dormem os rapazes solteiros, e onde as mulheres não podem entrar. A conversa, em língua tapirapé, está animada. Ãwãetekãto'i discute com seus companheiros como será a última etapa da demarcação, nesse início de janeiro. O agrimensor que acompanha os Tapirapé está presente. Ele pediu a Ãwãetekãto'i que os rapazes menores não fossem à picada, para não atrapalhar os trabalhos, pois gente em excesso seria pior.

– Será que os Xavante vão vir ajudar a gente?

Há pouco mais de duas semanas, os Tapirapé escreveram uma carta aos seus irmãos Xavante da Reserva de São Marcos, convidando-os para ajudar nos trabalhos da picada, conforme havia sido combinado em agosto, na Assembléia de Chefes Indígenas. Nessa reunião, os Tapirapé receberam a visita dos Xavante e de representantes de mais três tribos do Mato Grosso: Bororo, Nambikwara e Pareci; além de um Kaingang, que veio da longínqua aldeia de Nonoai, no Rio Grande do Sul.

A presença e a palavra dos Xavante marcaram muito a consciência dos Tapirapé, que admiram em seus irmãos a corajosa decisão de enfrentar todos os perigos para conseguir – como conseguiram – a demarcação de suas reservas. Os Bororo presentes também lembraram o sangue de um índio e um missionário assassinado em julho de 76, por invasores da aldeia de Meruri (ver **Movimento** nº 56). Tanto os Xavante como os demais índios presentes à Assembléia ofereceram sua ajuda aos Tapirapé. No final da reunião, ficou acertado que se esperaria ainda um mês ou pouco mais, para ver se a Funai dava alguma esperança de demarcação ainda em 1977. Caso contrário, os Tapirapé chamariam seus irmãos – pelo menos os mais próximos, para os próprios índios fazerem a demarcação.

Os dois representantes Tapirapé que, em agosto, após a Assembléia, foram a Brasília falar com a Presidência da Funai, voltaram com palavras de estímulo mas sem nenhuma palavra concreta sobre a data da prometida demarcação. Por isso, em novembro, os Tapirapé começaram a fazer a demarcação, por conta própria. Embora seja frequente o fato de índios participarem da demarcação das próprias terras, ajudando nos trabalhos às firmas contratadas pela Funai, é a primeira vez que um grupo demarca, por sua iniciativa, sua reserva. O traçado obedeceu a antigas reivindicações da tribo, já apresentadas à Funai.

3 Chove sobre a aldeia silenciosa. Na mata, a 20 ou 30 quilômetros de distância, os homens Tapirapé trabalham sob a inclemência da estação das águas – o "inverno" tropical. A saída para a picada atrasou-se três dias, pois todos esperaram que se abrisse o sol para transportar os sacos de farinha, no carro de bois, até o primeiro acampamento de trabalho. Os Xavante não haviam vindo – nem poderiam, com a demora da chegada de cartas numa região onde não existe correio – mas os Tapirapé não esperaram mais. E, na manhã de 6 de janeiro, um grupo alegre e animado saiu para a mata, uns na frente e outros atrás do carro de bois.

Agora a aldeia está sossegada. Nos dias em que não chove, as mulheres pegam as canoas e vão pelo lago, que bordeja a aldeia, para pescar pacus e piranhas. Durante três semanas, muitas delas não terão os suculentos jaraquis, crumatás e tucunarés que os maridos matavam diariamente com suas flechas certeiras. Vários homens ficaram, entretanto, esperando a volta de alguns para irem eles, num revezamento do trabalho na picada. Assim, em algumas casas há peixe bastante. Mesmo mulheres cujos maridos foram para a picada ganham peixe dos parentes que ficaram, nos dias de pesca mais abundante.

Os dias transcorrem sem muitas novidades. Apenas a coqueluche vai passando de casa em casa, pegando em todas as crianças. Duas das Irmãzinhas, que cuidam da saúde da aldeia, tentam, como podem, paliar os efeitos do surto da doença, aplicando injeções de gamaglobulina pelo menos nas crianças menores.

Wanãpi, menino de seis anos, dá um susto em todo mundo, flechando, certa manhã, o abdômen de seu amigo Wanipetu, um ano mais velho, numa desastrada caçada a ratos. Os pais de ambos estão no serviço da picada. Kurãpã'i, irmão mais velho do ferido, vai com Wanipetu, na lancha da Funai, até o povoado de Santa Terezinha, distante 40 quilômetros, pelo Araguaia. Um mensageiro vai avisar os outros Tapirapé, na mata. Todos estão preocupados, inclusive as Irmãzinhas, que receiam que a flecha tenha atingido o fígado do menino. Mas, quando o pai de Wanipetu chega à aldeia, com o coração na mão, o susto já passou: o menino já voltou de Santa Terezinha, onde tomou apenas medicamentos contra tétano. Na cooperativa de saúde dos lavradores de Santa Terezinha, a enfermeira garantiu que o ferimento foi superficial. Realmente, dois dias depois, Wanipetu está brincando novamente com as outras crianças, e seu pai retorna tranquilo para a mata.

4 Agora é só ir pra Brasília. A gente não vai agora, porque o general (Ismarth) está de férias; assim o Leônidas (chefe do posto da Funai) falou. Mas no fim de fevereiro a gente vai, e mostra pra Funai o mapa, e pede pra eles virem aqui olhar nossa picada, pra gente ter um documento certo.

Ãwãetekãto'i fala pausadamente, nesse domingo bonito, 22 de janeiro. Ele sabe da importância da decretação oficial da reserva. Seu pai lhe falou das antigas matas onde existiam as outras duas aldeias dos Tapirapé, nas nascentes do rio Tapirapé. Lá onde até hoje eles vão buscar o *taquari* para fazer suas flechas, lá na Serra do Urubu Branco, que o BCN tomou. Hoje, espremidos na beira do lago formado na embocadura do Tapirapé com o Araguaia, os índios sabem que a única aldeia restante só pode prosperar se eles tiverem terra garantida – não só para si, mas para seus filhos e netos, e para os filhos de seus netos.

– Quando a gente estava cortando a picada, nós achamos *taquari*. Não era muito, nem é bom igual aquele do Urubu Branco, mas a gente ficou contente assim mesmo. Nós achamos buriti, também. É bom. Porque primeiro precisava caminhar muito pra ir buscar buriti lá perto de Santa Terezinha, quando a gente queria fazer *iru* (cestinho para farinha).

Tãpotiru, a caçula de Ãwãetekãto'i, agarra-se às pernas do pai. Ele ri, e ergue a filha para o colo.

Marewira, a mãe do pequeno Wanipetu, está dando à luz seu 11º filho. Mulheres estão em volta de sua rede, ajudando.

Txywãeri saiu de canoa para pescar com a mulher, e levou dois dos filhos. O mais novo não foi e, desconsolado, vai bater na casa das irmãzinhas. Ganha uma banana que saboreia devagar. Uma Irmãzinha prepara o almoço, no fogo aceso sobre o chão. O pequeno Tapirapé se aninha numa rede e dorme.